



Viver nas cidades: experiência socioespacial das crianças numa periferia urbana do município de Vitória/ES

Living in cities: children's sociospatial experience in an urban periphery in the municipality of Vitória/ES

Vivir em las ciudades: experiencia socioespacial de los niños em uma periferia urbana del municipio de Vitória/ES.

Érika Milena de Souza¹

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e Professora da Prefeitura Municipal de Vitória/ES, Brasil.

Vania Carvalho de Araújo²

Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Infância, Educação, Sociedade e Cultura – IESC (Diretório CNPq), Vitória/ES, Brasil.

Recebido em: 28/02/2022

Aceito em: 09/03/2022

Resumo

As crianças estão nas cidades e as cidades estão nas crianças. Embora por vezes invisíveis, as crianças estabelecem profundas interlocuções com os diferentes espaços do contexto urbano. Em virtude disso, investigar os modos como as crianças apreendem o espaço vivido se apresenta como uma importante questão para desvelar as suas tessituras e composições no texto citadino. Para tanto, realizou-se um estudo etnográfico nas ruas e praças de uma periferia urbana do município de Vitória/ES, onde foi possível conversar com as crianças e observar os modos como se apropriam da arquitetura e dos equipamentos urbanos. Com a análise dos diálogos, olhares e perspectivas sobre a cidade, compreendemos que as ações e narrativas das crianças se interconectam e formam modos próprios de produzir sentidos à dinâmica socioespacial do ambiente vivido.

Palavras-chave: Crianças. Cidade. Experiência socioespacial.

Abstract

Children are in cities and cities are in children, although sometimes invisible, children establish deep dialogues with different spaces of the urban context. As a result, investigate the ways in which children apprehend the lived space presents itself as an important question to unveil their textures and compositions in the city's text. For that, an ethnographic study was carried out in the streets and squares of an urban periphery of the city of Vitória/ES, where it was possible to talk with children and observe the ways in which they appropriate architecture and urban equipments. With the analysis of the dialogues, views and perspectives on the city, we understand that the actions and children's narratives are interconnected and form their own ways of producing

¹ erikamilenasouza@gmail.com

² vcaraujofes@gmail.com

meanings to the sociospatial dynamics of the lived environment.

Keywords: Children. City. Experience Sociospatial.

Resumen

Los niños están em las ciudades y las ciudades están em los niños, aunque a veces invisibles, los niños establecen profundas interlocuciones con los diferentes espacios del contexto urbano. En virtud de eso, investigar los modos como los niños aprenden el espacio vivido se presenta como una importante cuestión para revelar sus estructuras y composiciones en el texto ciudadano. Para eso, se realizó un estudio etnográfico en las calles y plazas de una periferia urbana del municipio de Vitória/ES, donde fue posible conversar con los niños y observar los modos como se apropian de la arquitectura e de los equipamientos urbanos. Con el análisis de los diálogos, miradas y perspectivas sobre la ciudad, comprendemos que las acciones y narrativas de los niños se interconectan e forman modos propios de producir sentidos a la dinámica socioespacial del ambiente vivido.

Palabras clave: Niños. Ciudad. Experiencia socioespacial.

Introdução

Para iniciar uma conversa.

Tomando por referência as experiências tecidas pelas crianças em um contexto popular e periférico do município Vitória/ES, propomos compreender as relações, interações e as diferentes formas de sociabilidades que ocorrem entre as crianças e entre as crianças e os adultos presentes no ambiente urbano. Neste empenho investigativo, a compreensão das crianças como produtoras ativas de uma simbologia própria sobre a cidade, o entendimento de que em suas brincadeiras, nas subidas e descidas que realizam nas ladeiras da capital, nas diferentes formas de apropriação das praças, parques e praias, elas constroem sua experiência socioespacial em companhia dos adultos e das outras crianças.

Nessas tessituras no/com o tecido urbano, as crianças se inserem nas histórias já produzidas por homens e mulheres artífices do local, nos sentidos que eles/elas elaboraram e transmitiram ao longo das gerações que viveram e vivem nas cidades (ALMEIDA, 2011). Porém estes sentidos não são incorporados de modo passivo pelas crianças, pois elas conseguem criar, recriar e transformar os espaços do município à medida que os experienciam sozinhas, em companhia de seus pares e com os adultos.

Os sentidos ressoam nas vozes, nos gestos, nos gritos e gargalhadas das crianças. Tais sentidos plasmam-se em meio a suas aventuras na cidade, nos encontros brincantes, nos instantes em que burlam os ordenamentos dos adultos e a própria arquitetura urbana. São nestas trocas de sociabilidades que elas produzem e narram suas biografias no/com o espaço, elaboram formas próprias de contar as transformações da estrutura urbana e reinventam a sua própria urbanidade. Práticas sociais e simbolizações da realidade partilhadas nas interações que elas realizam em suas culturas de pares (CORSARO, 2011). Por meio destas culturas as crianças recontam as suas histórias no espaço vivido

como meio de atender aos seus interesses e sobrevivência como crianças.

Este modo próprio de apreender o mundo por meio das brincadeiras e das simbolizações produzidos a partir das experiências que estabelecem no/com o espaço, não são imitações dos modelos estabelecidos pelos adultos, ao contrário, são formas de as crianças elaborarem e enriquecerem seu mundo (CORSARO, 2011). O local torna-se então um catalisador de afetos e desafetos, pois os sentimentos gerados são capazes de englobar o aspecto geográfico, as marcas culturais, as histórias, as relações sociais e a paisagem. Portanto, a dimensão espacial não se apresenta como algo indiferenciado, porque está dotada de valor simbólico, de sensações que ligam as crianças ao contexto vivido (TUAN, 2013). Logo, o espaço é o lugar do familiar, da produção das redes de afetos, visto que o acinzentado das edificações, os equipamentos e mobiliários urbanos transcendem a aparência física e geram uma complexa composição de sentimentos, entendimentos, vínculos sociais e afetivos.

Sob tal ótica, as crianças podem remodelar o espírito das cidades, elas podem ofertar outras nuances às ruas, praças, parques, becos, praias, enfim, os espaços de passagem e de sociabilidade, por isto é perceptível que elas são o outro do adulto. Reconhecê-las nesta condição de possuir uma outra racionalidade diversa do adulto, é afirmar que as crianças possuem um modo diferenciado de se expressar, significar e agir no contexto urbano; que elas detêm um modo singular de participar da vida nos contextos urbanos (SARMENTO, 2005). Entender as crianças a partir destas concepções nos instiga a refletir sobre algumas questões. Como as crianças incorporam ou repelem as narrativas urbanas produzidas sobre o lugar onde moram? Quais os diálogos que tecem nos espaços-tempos em que transitam e/ou brincam na cidade? Como elas percebem os arranjos socioespaciais do contexto urbano que cotidianamente vivenciam?

Da Cidade de Palha a Cracolândia: conhecendo as histórias e memórias da região da Vila Rubim.

Esta pesquisa foi desenvolvida na região da Vila Rubim, local situado na periferia do município de Vitória/ES. No município não existe esta região administrativa oficialmente constituída. Criamos essa nomeação como estratégia para delimitar o espaço de investigação – os bairros do Morro do Quadro e da Vila Rubim (Figura 1).

A escolha destes bairros não foi aleatória. Pesquisar esta região é tornar viva as memórias de quem subiu e desceu os morros de paralelepípedos da região, brincou nos becos, praças e ladeiras destes bairros. Outrossim, esta investigação também oportunizou evidenciar as narrativas que as crianças produzem sobre o contexto, as formas de sociabilidades construídas, como brincam nas ruas,

nas praças e nas calçadas de cada região, seus modos de interação com os equipamentos urbanos, os medos e as alegrias que sentem ao viver e conviver cotidianamente neste ambiente.

Figura 01 - Limites da área estudada: bairro Vila Rubim e morro do Quadro



Fonte: Instituto Jones do Santos Neves (2021).

Realizar a investigação neste espaço é transcorrer pelos entremeios da história produzida por homens e mulheres, que foram atores e atrizes das transformações urbanas que afetaram a estrutura espacial do município de Vitória. Nesta nova roupagem do urbano, a cidade uninucleada se descentralizou, novos centros se constituíram com múltiplas funcionalidades: trabalho, habitação, lazer, indústria e comércio. O município então avançou, se expandiu em direção às suas periferias, novos centros urbanos se formaram, cerzidos por uma malha rodoviária que conduz pessoas e mercadorias.

Assim, se antes a cidade possuía formato capaz de proporcionar maior convivência social, pois era espacialmente concentrada, agora com o processo de industrialização, como bem nos lembra Lefebvre (2001), tão proeminente nas sociedades modernas, houve a sua implosão-explosão. Nesta nova conformação urbana a centralidade política e simbólica de determinado espaço geográfico se esgarça e novas centralidades emergem. Pontes, atalhos, viadutos, desvios são erguidos para encurtar

distâncias e diminuir tempos, ampla rede de circulação e comunicação se estabelece para permitir maior mobilidade urbana e ampliar a circulação de mercadorias.

Nas novas nuances da arquitetura urbana, os discursos carregam afetos, desafetos, saberes, poderes, medos. São carregados de sentidos, que tipificam, definem e de certo modo interferem na produção das experiências do viver no espaço urbano. Sob esta ótica, os discursos produzem polifonia sobre o lugar, pois envolvem acordos, negociações, embates, conflitos e usos múltiplos pelos grupos sociais que utilizam e habitam o local. Morar no morro ou na baixada, na cidade alta ou na cidade baixa, na periferia ou à beira mar, escapa à compreensão comumente decorrente da Geografia e do Planejamento urbano quando utilizado para classificar e hierarquizar pessoas, grupos etários e lugares. Contudo, linhas de escape rompem o já estabelecido neste discurso estereotipado que rotula as periferias como o lugar do medo e da pobreza. São estes sentidos que muitos moradores da região da Vila Rubim estabelecem com esta região, deixando emergir sentimento de pertencimento ao lugar, tornando-o também um ambiente do familiar e do afeto.

Ruas, becos, praças e ladeiras: *espaços-tempos* de encontros com as crianças.

Na busca de compreender o texto urbano produzido pelas crianças nas sociabilidades que cotidianamente estabelecem, foi realizado inicialmente um estudo exploratório³ por um período de cinco meses. Desnaturalizar o olhar, “estranhar o familiar” (VELHO, 2003, p. 15), foi um meio de proporcionar afastamento das teias sociais, tradições e códigos de conduta já conhecidos. Em virtude disso fez-se necessário relativizar as percepções, estabelecer distanciamento social como forma de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico (VELHO, 2003), por fim, realizar constante questionamento sobre as práticas e relações sociais que por vezes colocam as experiências das crianças como algo subalterno frente aos adultos. Portanto, este processo inicial de investigação oportunizou apreender os modos como as crianças elaboram códigos relacionais, contam histórias do lugar por onde transitam, estabelecem diálogos, negociações e tensionamentos, enfim como produzem sentidos sobre a região da Vila Rubim.

A perspectiva inicial de que as observações seriam realizadas apenas nos espaços brincantes da região indicava outras possibilidades, de modo a construir um olhar multifacetado sobre a região. Múltiplos locais foram explorados para as observações e anotações neste estudo. Os bancos das praças,

³ O estudo exploratório foi a etapa inicial da estratégia metodológica da pesquisa de doutorado “Entre subidas e descidas: as culturas da infância pelas ladeiras da região da Vila Rubim”. Posteriormente foi realizado o estudo de caso etnográfico.

o beco onde está situado o único Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da região, as barracas dos vendedores de verduras e frutas, a porta da igreja, as festas e reuniões de confraternização que ocorriam nos espaços peridomiciliares, a porta da padaria, e o interior/exterior da unidade de saúde. As observações ocorreram de segunda-feira a domingo, nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escolha dos tempos de observação estava intrinsecamente relacionada aos períodos de maior trânsito e permanência de crianças, sozinhas ou acompanhadas por adultos.

Figura 02 - Rua de acesso ao CMEI da região



Fonte: Própria.

Figura 03 - Praça Escolástica de Souza



Fonte: Própria.

A partir deste processo inicial de pesquisa, foi possível compreender o horizonte de uma complexa realidade manifesta no tecido urbano chamado Região da Vila Rubim. Um espaço que guarda

ampla dinâmica social e cultural, capaz de propiciar o convívio de diferentes grupos etários e formas peculiares de convivência.

Figura 04 - Momentos de Confraternização entre crianças, jovens e adultos



Fonte: Própria.

Figura 05 - Praça Dr. Athayde, Morro do Quadro



Fonte: Própria.

Caminhando com as crianças na região da Vila Rubim.

O estudo exploratório iniciou em uma segunda feira. Fazia 16°C, dia frio para a ensolarada e quente cidade de Vitória. Durante uma hora e trinta minutos, ninguém apareceu na praça. Esta cena foi rotineira durante três dias de observação. Um estranhamento invade o vazio social encontrado. Onde estão os moradores? Por que as crianças não estão brincando no parque e os idosos se exercitando nos

equipamentos de ginástica?

A região da Vila Rubim é composta por bairros onde a maioria dos moradores integram a classe popular, pessoas que levantam bem cedo com o objetivo de organizar a sua vida pessoal, familiar e profissional. Mulheres e homens madrugadores, que logo no início da manhã estão nos pontos de ônibus ou descendo as ladeiras em busca do transporte coletivo ou do ônibus das empresas. Esta dinâmica imprime nos corpos destes sujeitos movimento ritmado pelos ponteiros do relógio, algo bem percebido nos passos apressados que cortam as ruas e becos da região. Nesse corre-corre imposto pela maquinaria do relógio, impõe também modos próprios de encontros e/ou desencontros, uma vez que neste ritmo as pessoas mal se olhavam, se cumprimentavam ou conversavam. Apenas um olhar, um sussurro de bom dia e um leve balançar de cabeças e ombros.

A superficialidade dos encontros entre essas pessoas, por vezes vizinhos e amigos, retira das ruas a possibilidade de construir experiência urbana no/com o espaço e com o outro. Por trás das feições frias que encobrem os rostos, dos corpos que mal se tocam, dos cumprimentos tímidos e das ausências de conversas comuns, se presentifica o empobrecimento da experiência (BENJAMIN, 2012). Nesta pobreza da experiência instituída também são lançadas sombras sobre a vida das crianças, já que as imposições da vida dos adultos, por vezes, impedem ou limitam as suas brincadeiras nas praças da região. Assim, mesmo sem estar inseridas no mundo do trabalho, suas vidas são regidas pelo tempo-relógio que regra a vida dos adultos (SOUZA, 2017).

Além do ritmo frenético dos corpos dos trabalhadores e trabalhadoras que descem as ladeiras, a arquitetura da praça Dr. Athayde e Escolástica de Souza também chamava a atenção. Nela contém um ambiente destinado as brincadeiras das crianças com escorregador, gangorra, balanço e uma caixa de areia, separada da praça por meio de uma grade que delimita o local específico para as crianças brincarem. Esta compartimentalização do espaço é constantemente rompida pelas crianças, pois é comum elas se apropriarem dos equipamentos de ginástica dos idosos e dos bancos e mesas de cimento como lugares de brincadeira. Nestes instantes é possível escutar “aqui não é lugar para vocês ficarem”, “vocês têm lugar para brincar”. A praça perde seu significado inicial, pois ao invés de ser um lugar que possibilita o encontro entre os diferentes sujeitos, ela se apresenta como um ambiente que separa as categorias geracionais da cidade. Porém, mesmo com as advertências e recomendações, as crianças se apropriam de modo diferenciado das praças e fazem delas um lugar de partilha, de imaginação e de encontro com outras crianças. O gradil não se apresenta apenas como equipamento, ele simboliza o controle, a dominação e a expectativa de obediência que os corpos infantis devem ter (SOUZA, 2017).

É muito comum o balanço estar todo enrolado no início das manhãs. As crianças só podem utilizá-lo com a ajuda dos adultos devido à altura. Esta disposição rotineira do balanço impede a livre utilização pelas crianças. Apesar dos obstáculos, é possível ver uma criança maior ou um adulto auxiliando para acessarem o balanço. A grade delimitadora, a falta de reparos nos brinquedos e o balanço enrolado retratam as “tirantias do espaço” (LIMA, 1989, p. 9) destinado às crianças, configurando invisibilidade e apagamento de locais comuns de encontro ao reduzirem as possibilidades de trocas culturais, e, por conseguinte, empobrecerem a experiência das crianças (LIMA, 1989).

Na praça Escolástica de Souza, não existe nenhum equipamento destinado às brincadeiras infantis. Ela é constituída apenas por bancos de cimento e um pequeno jardim localizado ao centro. Esta ausência, contudo, não diminui a intensidade das brincadeiras, pois as bancadas são lugares onde ocorrem as viagens intergalácticas, espaços onde super-heróis, super-heroínas e vilões brigam para disputar uma joia capaz de conquistar o universo. As crianças driblam o acinzentado dos equipamentos urbanos, jogam futebol, correm e brincam de polícia e ladrão, de pique alto e bola ao gol. O cinza do concreto se desdobra em uma multiplicidade de cores a partir da imaginação e das brincadeiras que as crianças realizam, subvertendo os limites impostos.

Ao transpor os obstáculos produzidos pelo concreto armado ou pelas grades de ferro, as crianças transformam a fria impessoalidade do ambiente urbano, desta maneira ele se modifica, pois as brincadeiras, os momentos lúdicos e as gargalhadas das crianças pintam novas nuances no acinzentado do planejamento urbano. As crianças embebem o espaço de emoções e sensações, tornando-o uma expressão de sua dimensão simbólica, portanto elas são capazes de reinventar e tecer novos traçados arquitetônicos. Assim, elas são capazes de fundar um arranjo único e inaudito no ambiente das cidades, pois são capazes de engendrar modos próprios de participar e de reinventar as histórias urbanas já produzidas.

Outros momentos de interação das crianças com o espaço são os instantes em que elas são conduzidas para o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Inicialmente, as observações foram realizadas defronte à instituição apenas no horário de entrada do turno matutino. Nestes instantes foi possível observar que a rapidez da vida dos adultos é transposta para os corpos infantis, pois seus passos acompanham os passos apressados dos mais velhos. É bastante comum as crianças pequenas chegarem ao CMEI acompanhadas por seus irmãos e irmãs maiores ou por seus avós/avôs. O silêncio das ruas é rompido pelas conversas que ocorrem entre crianças e adultos. A diferença percebida com a entrada das crianças, a depender do acompanhante, trouxe inquietude ao processo de pesquisa: a

rapidez com que levam as crianças e o silêncio das ruas ocorrem igualmente na entrada e na saída dos turnos matutino e vespertino?

A vida pulsa de modo diferenciado na entrada e na saída nos turnos matutino e vespertino, uma vez que os acompanhantes das crianças se alteram. Se no início da manhã, por vezes, elas chegam ao CMEI via transporte escolar, carregadas ao colo dos seus responsáveis, nas garupas de motos, nos carrinhos de bebê, na saída deste turno, é bastante comum a presença de avôs e avós buscando as crianças e levando-as no turno vespertino. Esta companhia altera o ritmo corporal das crianças, pois os passos mais lentos dos idosos e maior atenção dispendida, possibilita observar conversas mais longas e tranquilas, pois não há o apelo do trabalho para se apressarem.

Contudo, mesmo com os passos apressados, muitos pais/mães/responsáveis demonstram amorosidade pelas crianças. Há cuidado permanente, aconchego no colo, aninhar nos braços ou nos ombros que o tempo *Cronos* não consegue romper. São nestes momentos que as crianças, em companhia dos adultos e dos avós, contam suas histórias sobre a pichação dos muros, sobre as lagartixas que viram e sobre o lixo espalhado na rua. São instantes de trocas de sociabilidades onde o espaço se torna plural, polifônico e há múltiplas produções de saberes e rico aprendizado intergeracional.

Todavia, existem adultos que não compreendem os olhares curiosos das crianças e algumas expressões são audíveis — “Você fala demais, garoto!”; — “Que é, fala logo!” — “Fala logo, menina!”; — “Que menina perguntadeira!”, “- E você, lá sabe de alguma coisa!”. Mesmo com estes tensionamentos, as crianças continuavam a olhar atentamente os acontecimentos do entorno. Conversam e perguntam sobre o que viam e ouviam. Ainda que nesta relação houvesse silenciamentos, as crianças inventavam formas de burlar as reprimendas dos adultos. Nas chegadas e saídas do CMEI conheci Rafael, Fininho e Sônia. Rafael soltava pipa no alto de uma pedra enquanto Fininho descia a ladeira junto com sua irmã Sônia que vinham da escola. Nesta caminhada fui surpreendida pelo seguinte diálogo:

Rafael: Fininho [...] chega aê.

Fininho parou, ao seu lado, ele estava com sua irmã e outro garoto.

Rafael: Volta aê [...] traz sua pipa.

Fininho: Não posso [...] pai falou que não posso.

As crianças continuam seu caminho.

Sônia: Mamãe disse que não quer você com Rafael [...] ele vive solto.

Neste diálogo, o que é “estar solto”? Por outro lado, o que é estar “preso”? Quais as simbologias

presentes no termo solto e preso? No universo cultural de Sônia e Fininho o termo solto e preso é uma projeção dos modos de ser e de estar das crianças no espaço. Estes adjetivos não são destituídos de sentidos, ao contrário, são enunciados que projetam modo de ser e de estar, a partir da expectativa de vida produzida por imaginário social. Essas expressões apresentam-se como uma tipificação dos corpos infantis presentes no morro: há uma criança que está protegida da “degeneração social” causada pela rua e uma criança que pode se tornar um “marginal”. Rafael é símbolo do perigo que a rua oportuniza, ele é a materialização do mal, das mazelas sociais que este espaço geográfico pode proporcionar, enquanto Fininho é o sinônimo da “criança de família”. Rua e casa não são meramente localização geográfica, elas se vinculam “a entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positivities, domínios culturais institucionalizados” (DA MATTA, 1991, p. 17). A espacialidade produz gramática social que hierarquiza pessoas. Nessa hierarquização social o menino “solto” é afastado do menino “preso”, a temporalidade dispendida para brincar na rua ou em casa regra, hierarquiza e tipifica os corpos livres das crianças que usam seus espaços-tempos de brincadeiras na rua sem a supervisão dos adultos, sendo assim bastante expostos aos males sociais que as ruas do morro possuem. Fininho não compartilha tão facilmente com as ideias de Sônia e de sua mãe, ele atende ao chamado de Rafael, para, olha para o menino e sorri, portanto, seu corpo-menino, sua mente de criança, subverte a colonização do imaginário do adulto, que caracteriza os espaços abertos da rua como ambientes da degeneração social.

À medida que o final de semana se aproxima as ruas, praças, calçadas e bares têm mais frequentadores. Os moradores da região permanecem algum tempo após o horário do trabalho na praça ou na calçada conversando, as crianças estão juntas brincando. Neste momento, muitas crianças que são discriminadas por serem “soltas” durante a semana, brincam com as crianças “presas”. Portanto, casa e rua não são contrastes estáticos, há dinamicidade relativa construída e partilhada por grupos sociais que podem ampliar o sentido de casa, de familiar, de hospitalidade, a depender das situações às quais estes grupos estão expostos (DA MATTA, 1991)

Conforme se aproxima o final de semana, as pessoas se apropriam mais das ruas e praças como locais de lazer. É muito comum a presença das crianças brincando, dos adultos e idosos conversando e dos jovens ouvindo música. Agora, estes espaços se transformam em ambiente de concretização de desejos, de expectativas, de projetos, uma máquina pulsante de vida (CASTRO, 2004), que pode propiciar o lazer, o descanso, a conversa corriqueira, a livre circulação, a troca e, sobretudo a possibilidade do encontro com o outro.

Foi em um destes momentos de maior convivência na praça Dr. Athayde que foi possível avistar Mariana e Catarina brincando na praça em companhia de seu pai, João. De repente, João se volta, para, e pergunta se poderia vigiar as crianças por pouco tempo. Com o afastamento do pai, Mariana ficou bastante incomodada e a todo instante se aproxima das grades da praça. Fica na ponta dos pés para ver se o pai estava próximo. Reclama da sua ausência e afirma que a mãe havia recomendado que o pai não deveria sair de perto dela. Mesmo com este desconforto, a menina sempre retornava para brincar com Catarina.

Repentinamente, Catarina olha para mim, coloca as mãos na cintura e revela as preocupações de Mariana. As duas meninas me contam que no dia anterior houve um tiroteio no bairro. Toda a família de Mariana se assustou, e infelizmente, um amigo foi assassinado na frente da casa de Mariana. A voz e agitação corporal de Mariana e Catarina denunciavam o susto, a angústia e a tristeza das meninas, já que um amigo delas, o Quinzinho, havia sido morto na guerra incessante do tráfico de drogas presente naquele contexto. Na continuação do nosso diálogo, Mariana e Catarina contam com muito desconsolo a perda desta amizade, já que Quinzinho e elas sempre tiveram uma proximidade. Segundo as meninas, o Quinzinho não deveria ter sido assassinado – “era muito bonzinho” – pois conversava com elas, levava balas e pirulitos sempre que as encontrava nas ladeiras do morro. Mariana e Catarina comentam:

Mariana: Tomara que vá para o céu.

Catarina: Quem é bonzinho com criança vai pro céu. [...] Minha vó diz que tem céu de criança. [...] Quinzinho foi pro céu de criança.

Eu: Como é céu de criança?

Mariana: Lá tem brinquedo pra toda criança [...], tem bala, [...] tem pula-pula de graça, a gente nem precisa pular rapidinho porque a hora passa, pode pular um tempão, [...] ninguém manda em nós.

Mariana vai enumerando o que tem no céu de crianças com os dedos. Depois ela ri, balança a cabeça e olha para Catarina, para que ela possa concordar com a sua afirmação.

Catarina: Nem dá medo lá. [...] A gente pode andá sozinha [...] a gente pode tudo.

Para muitos o jovem Quinzinho era o traficante que deveria ter seu “CPF apagado”. Para as meninas, este mesmo jovem era a pessoa que as acolhia, escutava, conversava e trazia presentes, por isso o assassinato era injusto. Mariana e Catarina desafiam as lógicas, padronizações e normatizações que atravessam a sociedade, pois elas são capazes de tecer relações com o diferente, com aquele que é apontado como um sujeito a ser temido e assassinado. As ladeiras então se tornam o ambiente da imprevisibilidade, do anúncio do novo e da possibilidade de construção de novas formas de viver a experiência urbana com o outro, uma vez que elas desafiam “as amarras da indiferença, da exclusão e

do medo, lançando-se ao encontro do outro como alguém capaz de subverter o fluxo inexorável dos acontecimentos citadinos [...]” (ARAÚJO, 2017, p. 323). Nesta nova forma de viver e conviver com a diferença, Mariana e Catarina estabelecem nova normatividade social, pois ao contrário da sociedade violenta que reifica o chavão “bandido bom é bandido morto”, as meninas constroem outros sentidos sobre a figura de Quinzinho. Ele é aquele que merece permanecer no céu das crianças, no espaço onde a liberdade, a brincadeira e o bem-estar são regra e não exceção.

Nesta cena também emerge um dos sentimentos mais obscuros que habita a cidade, o medo. A correria dentro de casa para se esconder das balas que cruzam as ladeiras, o som do tiroteio que irrompe no morro e cruza as vielas, a visão do corpo estendido no chão, são aspectos que impactam de modo negativo a relação afetiva de Mariana com o lugar. Estes sentimentos interferem na produção de diálogos com o outro, na intensidade das ligações socioafetivas com o lugar onde habitam e interferem na própria produção da experiência socioespacial das crianças com o espaço vivido.

Embora o medo, a angústia e o temor se apresentam como sentimentos que integram a vida de muitas famílias moradoras das periferias urbanas, são sensações que interferem na criação de diálogos, na permanência dos diferentes ambientes, favorecendo, assim, distanciamento social, recrudescimento de novas relacionalidades. Desta maneira, as ruas e ladeiras podem se apresentar como símbolos de um ambiente que causa aversão, incerteza e impossibilidade do encontro, pois não há o reconhecimento dos espaços abertos como locais produtores de uma vida socialmente compartilhada (TUAN, 2005).

Tanto o apego e familiaridade ao lugar – topofilia (TUAN, 2012) – quanto a aversão e o medo que ele pode produzir – topofobia (TUAN, 2005) – atravessam a produção da experiência do humano com o lugar vivido, pois ele afeta os modos como as pessoas se relacionam e simbolizam o lugar. Neste entrelaçamento de sensações, os laços sociais, as relações afetivas e as memórias se estabelecem, produzem marcas e afetam a criação da experiência espacial das meninas Mariana e Catarina com o lugar vivido. Em virtude disso, o espaço não se resume a uma construção arquitetônica, pois se relaciona com a própria dinâmica social, se apresenta como o retrato dos múltiplos significados vividos (TUAN, 2013). Portanto, são essenciais na formação dos laços de pertencimento, dos valores e na construção do simbolismo que as meninas produzem pelo lugar onde moram.

Às sextas-feiras, sábados e domingos, as ruas começam a ter tom diferenciado. Crianças, jovens, adultos e idosos circulam com mais frequência na região. Os tempos dispendidos ao lazer nos espaços abertos é maior. É bastante comum os vizinhos dividirem as calçadas e a comida, beberem juntos, terem uma conversa solta e um riso frouxo. Diferentes ritmos musicais se confundem de modo democrático,

funk, *furró* e *pagode* são bastante ouvidos pelas pessoas que convivem nas praças e em suas proximidades. Os ritmos musicais se confundem com as gargalhadas, conversas e gritos das crianças. A vida pulsa, a separação rua e casa não possui uma barreira definida nem se apresenta com impedimento para as crianças brincarem, pois o ambiente peridomiciliar se expande para as ruas e praças. Agora eles são locais de encontros, de celebrações, festejos e socializações entre as diferentes gerações que se conhecem e vivem cotidianamente a região da Vila Rubim.

A periferia não se apresenta como um todo indiferenciado. Dentro do mesmo traçado da rua, das praças e das calçadas, a população utiliza e se apropria de modo distinto dos ambientes abertos desta região. Percorrer esta região da cidade permite compreender como determinadas práticas coletivas de apropriação do espaço se inter cruzam, engendram formas próprias de sociabilidades no contexto urbano e produzem uma grande colcha de retalhos no texto citadino. Nesta rede de lazer, “o pedaço” (MAGNANI, 2003, p. 86) reúne diferentes formas de entretenimento e propiciam o encontro entre aqueles que compartilham as periferias urbanas. O pedaço se apresenta como ilha de convivência entre iguais no mar de pessoas estranhas que vivem nas cidades, pois nele são partilhados códigos de conduta, modos de agir e regras de convivência atravessadas pelas questões religiosas, étnicas, culturais, de gênero e classe. Estas são formas próprias de produzir saberes e de elaborar coletivamente significados com o mundo.

Integrar determinado pedaço está relacionado à participação em uma rede de relações de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos afetivos, existentes nos diferentes espaços de lazer presentes na periferia. As crianças integram e participam desses pedaços em conjunto com os adultos e outras crianças, estabelecem formas próprias de dialogar com as várias significações produzidas no/com o ambiente, apreendem os costumes concebidos e (re)elaboram narrativa própria sobre o contexto vivido. Esta inserção ocorre por meio de formas próprias de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo, ou seja, por meio de uma cultura própria, as culturas infantis (SARMENTO, 1997).

As culturas infantis se estabelecem nessa intrincada complexidade urbana, elas sofrem a influência e se influenciam pela cultura urbana existente. Em suas práticas brincantes e em seu processo de simbolização, elas se apropriam de elementos culturais produzidos pelos adultos, como um modo de se inserir no ambiente em que vivem. Em virtude disso, suas marcas culturais não podem ser entendidas sem uma análise ampla do contexto em que habitam. As crianças se apresentam como o outro do adulto, já que elas possuem um modo diferenciado de se expressar, significar e agir no contexto urbano,

um modo singular de participar da vida nas cidades (SARMENTO, 2005). Ao contar e recontar suas histórias sobre a cidade, ao expressar suas percepções, sensações e simbolizações do espaço urbano, as crianças se inserem ativamente neste emaranhado de trajetórias humanas presentes nas ruas, becos e praças da região.

Em meio a estas celebrações, dois meninos e uma menina brincam na praça Dr. Athayde. Inicialmente, brincam de pique pega. Subitamente, pegam duas caixas pequenas, se afastam e se escondem por detrás dos bancos da praça e começam a brincar de polícia e ladrão. Uma menina tenta participar da brincadeira, mas eles afirmam que aquela brincadeira não era para menina. Ela se afasta e pega uma garrafa PET. Em suas mãos esta garrafa se transforma em uma bola, ela joga este artefato para cima e para baixo, por vezes ela chuta “a bola”. Os meninos percebem esta nova brincadeira inventada pela menina, largam as caixas e começam a brincar com ela. Em alguns momentos, eles só brincam entre eles e deixam a menina isolada. Como estratégia, ela pega “a bola” e continua a reinventar a brincadeira.

Em suas práticas brincantes as crianças encarnam papéis sociais que vivenciam e expressam o código de conduta presentes no contexto social em que habitam, expressam seus conhecimentos e seus saberes sociais. Desta maneira, a separação de brincadeira para meninos e para meninas refletem os códigos de conduta de uma sociedade sexista que delimita o papel social de homens e mulheres. Estes saberes são apreendidos nas suas relações familiares, escolares, em sua participação nos momentos de lazer presentes na comunidade, algo que expressam nas brincadeiras que realizam.

Porém, estas representações feitas pelas crianças não são apenas imitações das práticas sociais dos adultos, uma vez que a encenação presente nas brincadeiras é ressignificada e transformada pela interpretação das crianças e pelas formas como estas se apropriam do mundo (BORBA, 2005). Ao brincarem, as crianças produzem interpretações sobre as suas realidades, elas se apresentam como sujeitos capazes de praticarem os códigos de conduta presentes em sua realidade por meio de suas marcas culturais próprias. Nesse processo, expressam criativamente suas opiniões sobre tudo que as cercam, e em virtude disso são capazes de formular interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios (SARMENTO, 2005). Brincar de futebol, chutar uma bola, jogar a garrafa PET para cima, por exemplo, se apresenta como uma encenação capaz de burlar as regras socialmente demarcadas que delimitam o lugar social de homens e mulheres na sociedade. Portanto, a brincadeira se apresenta como fonte de construção de saberes, por meio do qual as crianças expressam os conhecimentos socialmente construídos e compartilhados, reelaboram, constroem novas realidades e misturam o já

sabido com a novidade construída por elas.

O domingo se aproxima, é sinal de que o final de semana está no fim. Durante o dia há movimento nas ruas, as crianças brincam nas praças, as casas continuam a ser estendidas às calçadas. As vizinhanças se encontram para fazer churrasco, para beber ou para fazer um pagode. Contudo, à medida que o dia adormece a vizinhança vai se recolhendo. As ruas, praças e ladeiras começam a ficar mais silenciosas e, paulatinamente, a vida que pulsa nas ruas da região da Vila Rubim é substituída pela vida regradada pelo relógio, afinal, na segunda-feira, o dia inicia muito cedo. O início da semana é sempre regrado pelos ponteiros do relógio, há horário para acordar, horário delimitado para entrar na escola, na creche e no trabalho e hora do ônibus passar no ponto. Enfim, adormece a vida nas ruas e acorda a frieza do olhar, do contato e da própria impessoalidade que as obrigações cotidianas, infelizmente, nos impõem.

Conforme as ponderações de Araújo (2021), no ir e vir que cotidianamente realizam nas cidades as crianças elaboram ativamente sua experiência urbana, algo que não está esquadrinhado nos manuais pedagógicos, livros pedagógicos, planejamento arquitetônico, e por isto, as crianças se tornam invisíveis no planejamento urbano das cidades. Nos olhares que expressam a curiosidade, a descoberta e a novidade, elas são confrontadas com as redes de afetos, com diferentes cenas que desnudam as formas de violar a existência humana, promovem modos inauditos de transpor e conseguem compor modos próprios de criar e recriar a vida neste ambiente (ARAÚJO, 2021).

Considerações finais

Lugar de pobreza, de criminalidade e de tráfico de entorpecentes. Por vezes estas qualificações são veiculadas por mídias e acabam por construir um imaginário social capaz de tipificar este espaço como a própria representação do medo. Contudo, moradores destas localidades compreendem que em meio as mais diferentes formas de violação, seja pela ausência de políticas públicas que possam garantir melhorias na qualidade de vida da população seja pelo aumento da violência urbana, as periferias são ambientes capazes de propiciar uma rede de afetos entre as pessoas, e entre as pessoas com o lugar em que habitam. Em meio a composição de olhares estão as crianças. Elas nos confrontam com a diferença, a novidade e a própria imprevisibilidade, uma vez que rompem com lógicas instituídas que tipificam as periferias como o lugar das mazelas sociais e colocam a descoberto que mesmo sem a presença da conservação dos equipamentos públicos destinados as brincadeiras, elas podem reinventar criativamente o cotidiano.

Assim, em suas brincadeiras, imaginários, conversas e momentos de afetos que tecem com os adultos e com outras crianças nos municípios, as crianças são capazes de anunciar/enunciar o não captável pela lógica adultocêntrica. Em virtude disto, elas desafiam regras cristalizadas na normatividade social. A potência das crianças nas cidades reside neste olhar de alteridade do espaço urbano, pois com suas invenções criam formas próprias de ver e conviver com o mundo que as rodeia, sua criatividade apresenta novas nuances, entendimentos e representações ao tecido urbano que compartilham com outras crianças e com os adultos.

Desta forma, é relevante pensar sobre o direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) proporcionado às crianças, uma vez que este se apresenta como modo de pensar uma nova constituição de cidade, ambiente onde as proposições urbanísticas sejam mais coletivizadas e inclusivas, onde os espaços possam proporcionar encontros com diferentes grupos sociais e etários e que estas composições sejam compreendidas e reconhecidas como construtoras uma sociedade mais plural, justa, diversa e inclusiva.

Referências

ARAÚJO, Vania Carvalho de. Educação infantil em tempo integral: em busca de uma *philia* social. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 63, p. 191-203, mar. 2017.

ARAÚJO, Vania Carvalho de. Por uma epistemologia sobre a cidade em companhia das crianças. **Sociedad e Infancias**, v. 5, n. 2, p. 43-58, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BORBA, Angela Meyer. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil**. 2005. 298 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CASTRO, Lucia Rabello de. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Reis Regius. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Mayumi Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989

Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 430-448, maio/ago. 2022

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERIZARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação. Braga: Abel Antônio Bezerra, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SOUZA, Erika Milena de. **Entre subidas e descidas**: as culturas da infância pelas ladeiras da região da Vila Rubim. 2017. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Espírito Santo, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978. p. 121-132.